ADRIANA LISBOA

UM LUGAR IMAGINÁRIO

Igo Estrela

De que é feita a memória? E com que ritmo as lembranças palpitam no nosso pulso? O universo é curvo. Numa esquina redonda, tenho três anos. Viajamos de carro de Brasília até o Rio. São férias e elas me deixam com dor de cabeça, viajo no colo da minha mãe com o cachorro aos nossos pés, meus irmãos e a dona Guiomar no banco de trás. Meu pai dirige. Nasci no Rio, mas minha primeira memória escolheu Brasília.

Numa outra esquina redonda, há trinta anos entre mim e Brasília. Volto apreensiva. Talvez Brasília seja só uma fabulação da infância em que eu ouça ecoar palavras sem sentido como superquadra, Eixo Monumental e Gilberto Salomão. (Eu estava aprendendo a falar e minha mãe me exibia para as visitas perguntando: o que a gente vai fazer no Gilberto Salomão? Ao que eu respondia: jogar. Até o dia em que estava apertada para ir ao banheiro e dei uma resposta inesperada.) Talvez eu tenha sonhado com as capivaras. Mas e aquela foto? Eu de chapéu, meu pai me abraçando e o bichinho marrom e molhado do outro lado da grade, confraternizando com a gente. Alguém fotografou meu sonho — conclusão inevitável. Brasília é um lugar imaginário em que assisti a Godspell na televisão com minha irmã, às escondidas. Em Brasília, briguei com meu irmão e depois passei o dia inteiro com medo dele. Brasília é um lugar imaginário onde os sonhos são fotografáveis.

Trago pouca bagagem para Brasília. Basicamente perguntas. Não tracei itinerários. Quero todo o modernismo, o que funciona e o que não, o que Brasília inclui e o que exclui, os mendigos, os jornaleiros, as madames, os caras de piercing, Gilberto Gil e Roseana Sarney (vieram no mesmo avião que eu), o cego santo de que me falaram, os esotéricos, os católicos, os freqüentadores dos templos budista e seicho-no-ie, os descrentes de olhar não necessariamente vazio. E trago também um desejo, o de que Brasília amoleça para mim o concreto de seus prédios e tinja o cinza de seus ternos (sugiro verde-abacate, lilás, amarelo-canário), que Brasília responda às imagens que vêm de uma outra esquina redonda deste universo curvo.

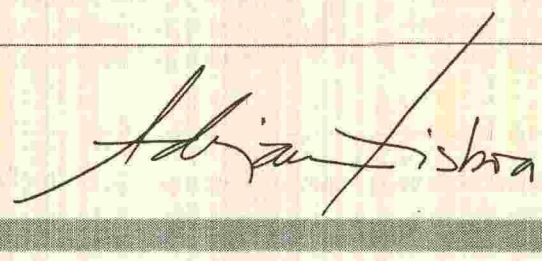
Brasília, surpresa e dócil, me sorri. Não vai me contar todos os seus segredos, nem em dois nem em duzentos dias. Mas não é isso que procuro. Que ela seja monumental, mas que me dê a mão com delicadeza. Complacente, ela pousa os arcos da ponte Costa e Silva sobre o Lago Sul, num levíssimo gesto de concreto, assegurando-me: nada é o que você imagina. O concreto tem poros e pode flutuar. Os ternos desbotam. E o espaço, de um jeito ou de outro, devora tudo.

Não sinto vertigens ao olhar pela janela do meu quarto de hotel, no décimo-nono andar. Vejo a torre de televisão que é imensa e pequenina como tudo em Brasília. Meu hotel fica em Brasília, em Tóquio ou em Berlim? Os homens engravatados e as mulheres de saltos altos não me dão bom-dia no elevador. Todos tratam de negócios pelo celular e se reúnem com pessoas importantes já no café-da-manhã. Porque para eles a vida é urgente. Conterrâneos meus aparecem arrastando chinelos e falando alto a fim de mostrar seus esses chiados. Porque para eles a vida é carioca. Os homens engravatados seguram a porta do elevador aberta para mim. Os cariocas não.

Brasília brinca: tira instantaneamente da cartola uma escola Reino Encantado para que eu toque minha infância, mas vou com cautela. Não sei se é a mesma. Daquela outra, eu guardo o medo do menino louro e gordinho e a camiseta que a professora pintou para mim quando meus pais decidiram voltar definitivamente para o Rio. Brasília me diz que existiu e existe ainda a SQS 303 bloco B em que fomos, durante quatro anos, vizinhos de porta de outro funcionário do Banco do Brasil, pai de um adolescente chamado Renato, que depois ganhou fama como Renato Russo. Sim, existe, os números e letras e as treze janelas estão lá. Mas tudo ainda me parece um truque.

Brasília não me dá respostas. Tudo são sussurros. Não há calçadas para o pedestre e não há rotas para o olhar, que voa feito um pássaro embriagado. Dizem: monumentalidade. Não me abalo. Porque agora já sei que o concreto também é de algodão. Se eu quiser, posso levar o Eixo Monumental na bolsa para o meu filho brincar, em casa. Mas ao mesmo tempo na Igrejinha eu me perco, não sei como sair dela, sequer me lembro onde fica a entrada. Às vezes, a beleza entontece, me puxa para além da minha compreensão. Brasília é uma epifania e é um suave bocejo feito de coisas pequenas e instantâneas, de cantinhos e surpresas. Paradoxo? Norma. Não existe nada tão falso quanto a suposição da coerência, sobretudo em Brasília.

Maternal, ela me dá amigos no mesmo instante. Sei que poderei carregá-los pela vida afora. Amigos antigos em meia-hora. Também me dá a simpatia dos desconhecidos e meus ombros vão relaxando. O jornaleiro me vende um guia arquitetônico e comenta: caro, né? Brasília agora será, para mim, a livraria do Lourenço, o abraço em Denilson numa escada do Minhocão, os chopes com Nahima no Pontão (e não é que estamos em San Diego?) e a água de coco no Parque da Cidade, com Sérgio, que também me levou a Taguatinga e Ceilândia e ao templo budista. Brasília será a madrugada com a Bia, em lugares que não estão no guia mas deveriam estar. Será a mulher plástica e sozinha falando no celular, no corredor do hotel, quando cheguei, às quatro da manhã. Será o silêncio diante do Lago Sul que ganhei da Sandra.

Será a garça branca cruzando a levíssima ponte e o cinza carrancudo sobre a Catedral em que um bem-te-vi rezava a missa. Será o medo de que num dado momento as pessoas percam o peso e saiam flutuando por entre os inúmeros céus de Brasília, finalmente e irremediavelmente invadidas pelo espaço.

Eu trouxe perguntas. Brasília, generosa, me deu mais perguntas. Brasília não me devolveu a mim, apenas indicou-me outras (outras eus, outras Brasílias), que cabem na mesma fantasia. No pulso, o sangue também lateja hemácias de concreto, poroso, vaporoso, um suspiro sobre o Planalto Central. Alguém fotografou meu sonho?